PORTO - CULTURA DA CIDADE, PAISAGEM DOMÉSTICA, MORFOLOGIAS DA CASA, 1895-1969 (continuidades, contaminações, metamorfoses)

Manuel MENDES *

À paisagem urbana portuense, marca-a uma espécie de silêncio imóvel, figurativamente antigo, processualmente insistente nas maneiras do seu fazer-se; espécie de atmosfera pela qual a cultura arquitectónica portuense demonstra escasso impulso para a utopia, para o estudo não realizável, para a exercitação teórica - a proposta de urbanização geral da cidade do Porto desenhada por Manuel Marques/Amoroso Lopes ou a biblioteca universitária projectada por Viana de Lima poderão expressar alguns desses raros sinais. Digamos que se muitas transformações ou orientações para projectos ficaram no papel foram-no, em geral, por má conjuntura e não por vontade teórica dos autores como disso é exemplo claro o Plano para a Área de Expansão Urbana da Zona do Hospital Escolar de Arménio Losa, o Plano de Reabilitação do Barredo de Fernando Távora, o Projecto SAAL.

Seria difícil imaginar o exemplo do Porto cidade tradicional ou "protomoderna", cidade moderna ou pós-moderna que correspondesse a uma unanimidade: o Porto da Sé ou da Foz, da Boavista ou S. Roque da Lameira, do Bonfim ou do Campo Lindo, da Corujeira ou da Arca de Água; o Porto da Vilarinha, da rua Mouzinho da Silveira ou da Praça Mouzinho de Albuquerque; o Porto das ruas particulares, da rua da Constituição ou da rua Fernão de Magalhães, da Circunvalação ou da Via de Cintura Interna; o Porto de tecido urbano irregular, de malha regular compacta e alguma continuidade, ou de troços lineares residuais; o Porto de tecido pavilhonar ou o de correntezas de casas unifamiliares, o Porto das ilhas ou o de grupos de moradias populares; o Porto do Bairro Hollywood, da avenida de França ou dos Combatentes; o Porto da paisagem doméstica ou o do boom-de-sucesso, o "Porto, património mundial" ou o "Porto, projecto cidade nova".

Num olhar, a Igreja dos Clérigos bastaria para evocar o Porto, tal como a Torre Eiffel ou a estátua da Liberdade evocam Paris ou Nova Iorque.

Ainda assim, seria bem mais difícil caracterizar sucintamente a paisagem dessas cidades. Mas paradoxalmente, uma imagem raramente iludiria e, facilmente, se reconheceria a de um fragmento da paisagem portuense: a proporção e o calibre das ruas, a ordem do parcelamento, o apagamento de uma arte urbana, a raridade do espaço público, a qualidade da luz, a cor e o brilho dos paramentos, a magreza da parcela e a escala dos edifícios; a relação estreita edifício-rua e a individualidade dos edifícios na noção de continuidade da rua; a presença musculada do granito ou a sua convenção insinuada na ordem compositiva das fachadas, a pluralidade dos estilos na ordem e ornamentação das fachadas, a continuidade de dispositivos de natureza tipológica na edificação; um monumento. Um conjunto de elementos característicos, mas que apenas adquirem importância identificatória ou identitária no todo articulado das suas relações.

PORTO - CULTURA DA CIDADE

Na forma construída do Porto, o imobilismo e a inércia de anos sustentou um sentimento de perenidade, de conservação ou capacidade integrativa da construção urbana herdada de oitocentos, um processo longo, em urdidura prolongada ao ritmo extenso do tempo.

Nessa disposição ou nessa condição se sedimentou a sua urbanidade: atmosfera marcada pela convivência problemática de componentes de pré-modernidade, de modernidade e pós-modernidade, a reflectir o *delírio crónico* de futuração que trouxe suspenso a concretização de um desenho planeado para a cidade. Cidade pequena, tessitura compósita de continuidades, rompimentos e simulações, actualizou-se mas não se modernizou (ou o fez à escala do sítio e preexistências, dos recursos e clientelas possíveis): formas do crescimento resultantes da sobreposição/encontro/rupturas entre dois sistemas - o raiocentrismo e a retícula; aglomeração urbana - descontínua, fragmentada, dispersa, polarizada, diversificada, sendo que na definição da ordem formal das partes de cidade a rua marca a (im)possibilidade de malha regular em extensão, o desempenho viarístico/circulatório sobre a morfologia/significação do *lugar* público; o lote, a continuidade das formas da residência, o porte da edificação, o sistema de concepção e produção foram as regras desta paisagem de cidade marcadamente de *escala doméstica*.

Nessa disposição ou nessa condição se sedimentou a sua cultura urbana. A cidade formalizou uma centralidade com consistência de limites e de estrutura, sem todavia, o crescimento económico e demográfico provocar um modelo teórico pré-determinador do seu desenho de território e de paisagem. Um *processo-projecto* que se foi materializando à medida e à escala das *variações* do tempo artificial: por isolamento, por soluções de expediente ou aproveitamento/reconversão de tudo o que existe; por valorização da construção existente, imutabilidade de convenção do construir. Na artificialidade dessa conservação patrimonial, a estabilidade morfológica e arquitectónica não foi investida de esforço ou resistência na consensualização de uma memória urbana ou da sua estratégia no movimento da criação contemporânea. O tecido organizou-se ao sabor do "regulamento" de circunstância de proprietários, em que a racionalidade do improviso e expediente traçaram um contínuo de preenchimento, de acrescento, de substituição, de expansão ou de transformção; regulamento de arruação a provocar rígida separação do miolo de unidades-tipo-quarteirão, segmentação da paisagem onde a dispersão das linguages se moderou pela unidade das convenções compositivas ou uso. A modernização de um magro centro de serviços, fez-se acompanhar por um periódico esforço redentor na apropriação especuladora do solo, edificada na exploração híbrida das tipologias do prédio de rendimento; também pela a conservação de "pólos" industriais pulverizados na extensão do território urbano, e pela manutenção de extensas bolsas de características rurais dentro do perímetro da cidade; também ainda pela herança da industrialização - habitação operária, as "ilhas" - ainda na ocupação densa de interiores de quarteirão, e também por isso, foco intencionado dos programas da solução higienista, filantrópica ou pública.

Nessa disposição ou nessa condição assentou a morfogenia do seu crescimento físico: i) *centralidade fundadoura*; ii) *abrir a cidade ao território*: ultrapassado o perímetro do assentamento fundacional, o raiocentrismo formalizou os primeiros impactos da

expansão territorial, predispondo a concentração urbana em torno de linhas de fundação; iii) *fazer cidade à escala do território*: definição de território de influência, estrada de circunvalação, traçado de rede estruturante-programa para a cidade oitocentista, pelo que a expansão se confirmou num alargamento modelado em torno da abertura de traçados primários e secundários estruturantes de um esforço de urbanização à escala do território, traçados parcelares que na sua adição deixaram a sugestão de tecido urbano em retícula globalizadora das urbanizações-loteamentos dispersas na área-território; iv) *aglomerar, densificar, "complexificar" à escala da circunvalação*: na discontinuidade, a trama viária provocou aglomeração pela dispersão da urbanização de áreas rurais de periferia, a consolidação de malhas e/ou traçados por vezes espontâneos, emparcelamentos de quintas; v) *a consolidação da cidade oitocentista*: compactação lenta e descontínua da mancha urbana, feita à medida da pressão especulativa, à medida das exigências da concentração/população; em processo contínuo, agitação e não resolução de problemas estruturais para uma renovação da cidade segundo novo desenho e medida - cidade que movimentou a sua paisagem num fazer que concedeu uma quase total prioridade da parcela, e por esse facto se viu mais marcada pelas qualidades da edificação que pelas qualidades do espaço público.

Nessa disposição ou nessa condição sedimentou as formas da edificação. No lote estreito e entre meações - persistência da urbanização portuense - *as casas em andares* ergueram-se marcadamente unifamiliares, mesmo que, posteriormente e por partições sucessivas, se multiplicasse o grupo residente. Quando densificou a ocupação do lote e problematizou as formas dos espaços de habitação plurifamiliar, prolongou escalas, medidas e composição. Desde os anos 20, *a casa de andares* e *o edifício de andares* cresceram, reproduziram e permutaram soluções intermediárias do plurifamiliar, sempre em estreita dependência da rua, pressionando a musculação da medida tradicional raramente associada a rupturas de escala ou porte da edificação corrente; pressionando o programa em formas múltiplas de geminação, reunião ou fusão de parcelas - *casa dupla, correnteza, agrupamento*, recorrendo a dispositivos de agregação elementares, de natureza repetitiva não necessariamente em série - sobreposição, justaposição, composição, associação; o acrescento, a subdivisão numa obcessiva reconstrução do construído, prolongando as convenções da tradição de cidade e de ofício. A partir da segunda metade dos 40, (es)forçados os preceitos de um novo estilo de vida, a burguesia portuense começou a acumular e a reproduzir os proveitos do edifício de habitação plurifamiliar.

PORTO - PAISAGEM DOMÉSTICA, MORFOLOGIAS DA CASA

A- CONSOLIDAR A CIDADE OITOCENTISTA - *Continuidades*

Por estes anos, o Porto deslizava como se uma espécie de destino natural bastasse ao evoluir da sua estrutura e morfologia, na vaguidão do seu território de cidade. Movimento anacrónico, quase informal, actualizou o crescimento, refractário a figura reconhecível - aí validou a condição e a qualidade da sua urbanidade.

A ampliação do parque residencial foi ocorrendo por: densificação do existente (repartição/ampliação de casas unifamiliares em andares, ou casas bifamiliares, ou

pequenos prédios de apartamento por andar); compactação da ocupação de loteamentos não concluídos; novos loteamentos; a renovação da edificação foi mais conservação do existente que substituição por prédios de rendimento.

O investimento imobiliário privado alargou-se na realização de programas habitacionais para média burguesia, os sectores de médio e superior da pequena burguesia - o edifício de andares, o edifício em fila, o edifício em banda, o edifício "vila"; também, a associação de "unidades-tipo" gerando conjunto ou "bairro" em que o acesso estende a rede viária a interiores de quarteirão ou parcela; o pequeno prédio de rendimento; o "agrupamento".

O "moderno" portuense, o que se impôs e fez a paisagem urbana, integrou a relação directa com a estrutura viária, os tipos arquitectónicos ou dispositivos de natureza tipológica do loteamento oitocentista, da habitação colectiva típicos da viragem do século, as convenções regulamentares do *higienismo* matizado com *embelezamento*, as tradições do construir, as convenções regulamentares, as tradições do construir. Aproximou-se e identificou-se mais com os sectores do racionalismo "decorativo-mundano" que com os sectores do funcionalismo "objectivo". Não se poderá falar em protorracionalismo, mas é imprudente identificar expressionismo, purismo ou "nova-objectividade": aragens que mais se (con)firmam *simplificações* ou *musculações* da construção formal para programas de funcionalidade estrita - alojar.

No terreno de alguma concessão, pratica-se intensamente desenho e construção num ensaio formal domesticado nos critérios da cidade tradicional (compactação da ocupação de loteamentos não concluídos; novos loteamentos), adormecido no conservadorismo do loteamento oitocentista ou vibrante no plasticismo da volumetria dos gavetos ou no tratamento dos ângulos. Um processo que - no projecto de raíz, na reconstrução, remodelação, acrescento planimétrico e/ou altimétrico da construção existente, nas operações de embelezamento de fachada, nas rupturas às disposições da ocupação da parcela, de traça, de tipo ou modelo - foi escalonando os instrumentos moderadores, as unidades de medida da paisagem urbana. Um processo singular de natureza compósita, onde se misturaram o dinamismo compositivo decorrente da disciplina organizativa dos programas, o cuidado da imagem urbana do edifício ou do conjunto - a fachada.

As iniciativas relativas ao espaço público acanharam-se à linguagem e aos processos da cidade tradicional - embelezamento, arborização.

B- CONTAMINAR A CIDADE HISTORICA - *Contaminações*

Os arquitectos eram poucos e pouco respeitados: a encomenda, partilha forçada e promíscua com técnicos de obras públicas, habilidosos diversos; a "ilha dos ricos" designação corrente do edifício de andares, foi programa para menos ainda e, sobretudo, os mais velhos.

Mesmo que invocada num esforço para outra ideia de cidade, a modernidade foi matéria sufocada no experimento singular - sinalizar para marcar uma escala nova para a cidade.

> *Em 45, (es)forçados os preceitos do novo estilo de vida, a burguesia portuense começou a acumular e a reproduzir os proveitos do edifício de habitação plurifamiliar. No edifício de habitação plurifamilar da Carvalhosa, 1945-49, a parcela, 24,0m frente x 41,60m (associação de 4 lotes estreitos de aproximadamente 5,90m, como corrente na*

Boavista), rectangular regular (reflexo da acção dos arquitectos num processo negocial de permuta de terreno), permitiu a densificação numa ocupação em profundidade, na sequência jardim-edifício-pátio-garagens. Confrontado a E e W com uma casa em andares e um edifício de andares, o "edifício da Boavista" define rua, desalinha sem romper a cércea, demarca-se e autonomiza-se para cultivar: outra escala de cidade; outra medida de edifício, fogo, volume; outras convenções de forma e linguagem, de uso. Outra concepção de arquitectura que abraça o "moderno" contaminado em caldo local, aqui argumentado na evolução natural da experimentação dos autores, pela primeira vez confrontados com recursos e standards elavados. A compartimentação orienta-se segundo princípios de conveniência e comodidade - "foge-se da rua, caminha-se para luz e ar puro". Às habitações associou-se, pela primeira vez, lavandaria comum, colector de lixos, garagens privadas, recreio para crianças comum. Para além do interpretação do próprio programa, o tema são os terraços-solário e o pátio interior.

No edifício de Ceuta, 1950-55, edifício testa-arranque da margem norte da rua e primeiro a aí construir-se, os autores problematizaram as convenções do moderno mais pelo sentido urbano da intervenção arquitectónica que pela engenhosidade formal ou recurso aos seus dispositivos formais ou espaciais do movimento.

C- INVENTAR CIDADE - *Metamorfoses*

Mesmo que invocada num esforço para outra ideia de cidade, a modernidade foi matéria sufocada no experimento singular - sinalizar para marcar uma escala nova para a cidade.

No perímetro da cidade, existência de vazios urbanos decorrentes do curso da urbanização - manutenção de bolsas com características rurais, núcleos edificados de formação espontânea, reservas de solo urbano resultantes de alterações no destino de uso (pólos industriais), demolição de áreas de habitação degrada, implantação de novos circuitos viários - (a)largou perspectivas de projecto no sentido de reorientar centralidade, densificar e ligar o disperso, "higienizar" e romper os limites da cidade histórica.

Entre o plano de urbanização e o plano de pormenor, o projecto urbano e o projecto de grande composição, tratou-se de uma experiência que se instruiu na agitação de um novo senso urbano comum e na identificação de uma arte urbana para um tempo novo.

Na sombra foram mais os sinais de arquitectura, argumento para uma cidade nova. Numa invenção mais topológica que tipológica, sinais de arquitectura que adquiriram expressão de manifesto - inventar cidade teorizando o lugar a partir do projecto.

Na circunstância do concurso para a obtenção do diploma de arquitecto, o tema Uma Biblioteca - Arquivo para Ensino Universitário (1941), *Alfredo Viana de Lima "quiz que ele possuísse o espírito da ordem e o sentido das relações", "o timbre puro", "o sentido de grandeza, duma grandeza nacional e novíssima" - "traduzir a possibilidade do severo rigor técnico, do sentido funcional e de expressão harmoniosa da força do lirismo", "a tal ponto que nos arrancasse dos hábitos de vida quotidiana"*(99). *Recorre-se a território conhecido: à ilharga da cidade muralhada, no sítio onde barroco, ilustração e neoclássico se debatem de posição e representação, a eixo com o edifício da Academia Portuense, a*

Biblioteca é apenas o pretexto para um esquisso-plano, onde desenho é redondamente o monumento dos princípios do Porto novo.

No projecto não realizado para a Unidade de Habitação na rua Sá da Bandeira (1943), *Alfredo Viana de Lima concebeu um edifício quarteirão, à imagem de um Immeuble-Villas.*

Na expansão para poente, no Campo Alegre, testa para um nova centralidade portuense o Plano para a Zona Residencial do Campo Alegre (1949) *foi o projecto para a "construção de uma paisagem nitidamente urbana a umas dezenas de metros de altura sobre o Douro. Viveriam aí uns 6000 habitantes com o seu equipamento e tráfego próprio independente do tráfego de passagem; uma grande praça e uma avenida de peões permitiria uma intensa vida social. Fernando Távora procurou "que a solução tivesse um grande sentido cívico, uma grande expressão de presença". Via a sua solução "como um acto parfeitamente portuense, capaz de produzir um grande impacto"; monumento como "coisa que seja útil e viva, sentida".*

O Plano para a Zona do Hospital Escolar (1952) *da autoria de Arménio Losa, respeitava à criação de duas unidades residenciais na periferia nordeste do Porto, para uma área de 135ha, destinadas à fixação de um total de 25 000 habitantes, nomeadamente ao realojamento de população transferida das ilhas do Porto. Concebido à luz da Carta de Atenas, o plano nunca chegou a ser aprovado pelo poder central, nomeadamente pelas formas de residência propostas, tipo unidades de habitação e blocos.*

O "moderno" portuense, periférico ou local, consubstanciou-se contaminação da circunstância mais que invenção de circunstância. Assim mesmo, mais evocativo que emancipador, mais complacente que democrático, o projecto moderno assume expressão de manifesto no programa portuense - o tempo como continuidade e o moderno como contaminação da tradição: e esta noção, mesmo que puramente instintiva, marca-lhe a vocação e agita-lhe a autonomia do campo experimental do arquitecto: gerir escalas no desenho da relação do antigo e do novo para projectar uma nova urbanidade. A validação dessa modernidade é algo que ocorre pela validação do realismo pragmático das soluções ou simulações experimentais que a sedimentam: uma prática artística na qual, a cada passo, o episódico se substituie ao global, o figurativo ao abstracto, o epidérmico ao volumétrico, o contextual ao geográfico e ao antropológico.

Para romper os efeitos da longa duração, a *passagem portuense* manifestou-se como *contaminação da mascarada eclética*, da paisagem doméstica que matiza a geografia e a cultura da cidade do Porto: adoptar modelos e formas que, "contribuindo para valorizar aspectos positivos da circunstância pré-existente, pudessem criar nova e favorável circunstância, realizando assim obra de colaboração e de educação"; nos sinais de uma nova arquitectura provocar a cultura da cidade, mesmo que o conceito de cidade aberta e ilimitada não resultasse substituição da cidade histórica, ou, apenas a passo, o espaço público se des-solidarizasse da edificação, ou a acaso se organizasse qual campo de cristais. Independentemente da desconfiança sobre a densidade e a capacidade de assalto de um tal procedimento, foram intervenções que se autoprogramaram como metáforas de cidade e forçaram efeito persuasor para novos

modelos urbanos, de vida ou formas comportamentais (cooperativa habitacional O Lar Familiar de Mário Bonito (1950); bloco em Costa Cabral, Viana de Lima, 1953; conjunto residencial em N.Sra.Fátima de J. Loureiro/L. Pádua (1954). "Só assim têm a sensação de pisar outros terrenos que não os demasiado ortodoxos da cultura oficial" seja esta relativa aos padrões representativos de um nacionalismo de estado, ou à "renovação anti-historicista produzida a partir das vanguardas radicais do século XX".

Agitação do seu isolamento, o programa portuense aceita-se como manifestação errante da "obra total" - a experiência portuense, marginal na comunidade que integra, manifesta-se programa exclusivamente como lugar-miragem duma modernidade que quiz e praticou como *obra grave* da inteligência contra a falsidade. O manifesto confirma-se tão só uma atitude, isso "de olhar, remoer e sentir e tentar embaixo do mesmo céu" - Plano Geral de Reabilitação do Barredo, Fernando Távora, 1969; Edifício de Escritórios na Av. Afonso Henriques, A Siza, 1969.

NOTA FINAL

CONTRA A CIDADE - *transformação, periferização*

Os últimos anos, são de recusa definitiva de um qualquer estatuto de subalternidade política no todo nacional. Os portuenses sacudiram o tempo e a cidade modernizou-se, diz o político local. Mas é bom que se diga que o ressurgimento, a autonomia estratégica dessa modernidade urbanística, teimosos nos ditames da *avareza* do económico ou do político e entretidos na mimesis muda e surda em torno das modas vindas de impérios exteriores, vêm validando a sua cultura de cidade num crescimento urbano sem sentido de grandeza - delapidação do futuro na alegria do curto prazo: ausência de reflexos do estudo e problematização do efeito modelador do tempo longo na morfogenia da cidade histórica, entendidos aqueles como acto de cultura/espera útil para a *modificação* qualificante do espaço urbano; amesquinhamento das *unidades de escala* da paisagem urbana num impulso aviltante, provinciano sobre o caracter da forma construída da cidade - a luz, a cor, os ritmos e os dispositivos de organização altimétrica e planimétrica na ocupação e compartimentação da parcela; o sistemático preenchimento dos vazios urbanos por acções em que a combinatória terreno-construção-infraestrutura se apronta como síntese formal propiciadora de efeitos de *barbárie* ou de periferização da estrutura e paisagem urbanas, mais do que experimentação do desconhecido, problematização do sentido de comunidade; no processo da construção urbana, prioridade do desempenho viarístico/circulatório sobre a morfologia/significação do *lugar* público.

Hoje, entre a vertigem das periferias e o enraizamento da *cidade histórica*, pensar o Porto passa pelo dever de aceitar pensar disciplinarmente a morfologia da sua paisagem humana, física, cultural, espacial, arquitectónica; pensar local e plural sobre o seu *processo de como se faz cidade*, empreendendo nos *territórios* que sobram entre continuidade e ruptura, tradição e modernidade, na convicção de que: a sua realidade é a síntese da diversidade de transformações que sofreu no fluir do tempo indiferente a segmento de época; a sua contemporaneidade não se faz na arbitrariedade de um qualquer historicismo ou na representação autista de um liberalismo de circunstância e retórico; resumindo, na convicção de que o seu "património deverá ser um só - do

passado ao futuro". Daí que a extensão e a eficácia dos temas a *cidade como arquitectura ou a cidade como obra de arte* desafiem a intervenção urbanística como "recusa das faceis dicotomias pró e contra a conservação, pró e contra o respeito e continuidade da regra edificatória histórica, ou entre a cidade histórica e cidade moderna, entre centro e periferia, cidade-campo, artificial-natural, entre função e símbolo e as simplificações projectuais que daí derivam". Um desafio e um apelo que colocam a ideia de plano como investigação e acção entendíveis na fragmentação da vocação disciplinar da arquitectura e do procedimento projectual: a especificidade da intervenção urbana trabalhada através da instrução dialectica entre o estudo da forma construída da cidade (das relações forma da cidade e arquitectura) e a acção projectual, "lançando uma proposta global que reconfigure o inteiro espaço urbano e citadino, a *urbs e a civitas*". Tudo isto na perspectiva de que a ausência ou a impossibilidade de fundamentos hegemonizantes alarga a possibilidade de trabalhar a legitimação da actividade projectual percebendo que na cidade o "problema essencial é investigar formas de articular elementos muito diversos, porque a cidade hoje é um conjunto de fragmentos muito diversos"; tanto mais, quanto "a modernidade é uma forma de dar forma a uma sequência de momentos de modo a que esta aceite uma taxa elevada de contingência".

Independentemente da festa muda do tudo que muda, vêm-se perdendo oportunidades de transformar cidade reinventando a sua morfologia, seja a revisão dos processos de compactação, densificação da ocupação; seja a consolidação, expansão, extensão, fragmentação, explosão da aglomeração urbana; seja a demolição-conservação da cidade histórica; seja o restauro, a reabilitação, reconstrução de edifícios de maior ou menor valor histórico-artístico espaço urbano. Vêm-se perdendo oportunidades de provocar problematicamente a arquitectura como instrumento de transformação urbana seja a renovação de um quarteirão central (bairro da Sé ou D. João IV/Alegria), seja a substituição-ampliação da edificação existente (Comércio do Porto, Casa dos Pestanas ou Hospital de St. António, João das Regras ou N. Sra Fátima, Foz), seja a expansão-reabilitação de um antigo subúrbio do Porto oitocentista (Aldoar ou Antas), seja o preenchimento de um vazio urbano (Bom Sucesso, Constituição, Campo 24 de Agosto, eixo da Boavista, Galiza/Júlio Dinis) ou a urbanização de periferias rurais (Campanhã, Campo Lindo/Covelo, Areosa).

Pelo que se faz circular como qualificação cultural, pelo que se socializa como padrões de desenvolvimento ou se democratiza como consciência de futuro, contra a cidade existem sinais bastante de um faz de conta que marca a política (de renovação) urbana nos últimos anos - renovação urbana, habitação, espaços públicos: o sistemático preenchimento dos vazios urbanos por acções em que a combinatória terreno-construção-infraestrutura se apronta como síntese formal-arquitectónica propiciadora de efeitos de barbárie ou de periferização da estrutura e paisagem urbanas; agitação do Porto-cidade-património não passa de um "trabalho de indústria-patrimonial-turística, feito com a intenção de transformar o pelourinho numa cidade sorvete".

Nessa medida, posicionar "o Porto como uma metrópole de média dimensão, aberta ao mundo e ao futuro, moderna, inovadora e progressiva" dispensa de todo o formalismo evocativo e banalizador de qualquer "respeito pela sua cultura e tradições e pelos seus valores históricos patrimoniais", para sossegar eventuais aterros associados a uma tendência evolutiva para a cidade física assente numa quase exclusiva aliança de mediocridades. Embora uma política urbana não possa, não deva fixar tudo - que nada

pode contra o ar do tempo se um dia este está talhado para betão e noutro para pedra grampeada – o seu primeiro dever (e talvez o único) é fixar um quadro onde cada um possa exprimir-se.

Talvez por isso apeteça acompanhar Lina Bo Bardi: "precisamos defender-nos da invasão de Qualquer... é dever fundamental dos técnicos, dos urbanistas, dos arquitectos, estudar e compreender, no seu profundo sentido espiritual, aquilo que se poderia chamar alma de uma cidade: sem essas premissas, uma planificação, um plano de urbanização serão um esforço estéril e pior uma colaboração com o rolo compressor da especulação".

Porto, 1998. 06. 27

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Luis Vicente, *Casa, Família, Ideologia: a Emergência da Política de "Moradias Populares" em "Portugal nos Anos 30"*, Ler História. Lisboa, nº 34, 1997.

DIAS, Jorge, *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, em "Estudos de Antropologia", vol.1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990 (1ª edição, 1950)

GARRETT, Antão de Almeida, *História da Evolução dos Planos Gerais de Urbanização da Cidade do Porto*. Porto: FEUP, 1974.

GROS, Marielle Christine, *O Alojamento Social sob o Fascismo*. Porto: Edições Afrontamento, 1982.

GÜNTHER, Anni; TAVARES, Rui; DOMINGUES, Álvaro, Porto, em "*Atlas Historico de Ciudades Europeas*". Barcelona: Salvat Editores, 1994

MENDES, Manuel, "Nós". *Uma Modernidade de Fronteira - Nós para uma Passagem Inconclusa*, em "Arquitectura del Movimiento Moderno (1925-1965). Registro DOCOMOMO Ibérico". Barcelona: DOCOMOMO, Fundació Mies van der Rohe, 1996

MENDES, Manuel, *A casa - paisagem doméstica e projecto (moderno, circunstância portuguesa, manifesto portuense, cultura da cidade, sinais de arquitectura)*, em Actas do 1º Seminario DOCOMO Ibérico. Barcelona, 1998.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, *Casas do Porto, em Douro Litoral*. Porto, oitava série, vol. VII-VIII, 1958.

PEREIRA, Gaspar Martins, *Famílias Portuenses na Viragem do Século* (1880-1910). Porto: Edições Afrontamento, 1995.

PEREIRA, Gaspar Martins, *No Porto Romântico, com Camilo*. Porto: Casa Comum/Progresso da Foz, 1997.

REAL, Manuel; TAVARES, Rui, *Bases para a Compreensão do Desenvolvimento Urbnístico do Porto*, em "Povos e Culturas". Lisboa, nº 2, 1987.

RESENDE, Miguel, *A Evolução Territorial da Cidade do Porto e a Orientação a Seguir para a Urbanização das Zonas Residenciais*, em "Civitas". Porto, vol. 2, ano VIII, 1952.

SANTOS, Boaventura Sousa, *Onze Teses por Ocasião de mais uma Descoberta de Portugal, em "Via Latina"*. Coimbra, 1991.

SILVA, Augusto Santos, *A Cultura Portuguesa numa Perspectiva Historico-Sociológica, em "Palavras para um País"*. Oeiras: Celta Editora, 1997.

TÁVORA, Fernando, *O Problema da Casa Portuguesa*. Lisboa, 1947.

* Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.